

O BRINCAR DE MENINAS E MENINOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Keudma Cimélia Batista Paiva¹
Laís Ranielle Silva Andrade²
Zélia Granja Porto³

RESUMO

Pesquisa realizada numa escola particular do Recife procurou observar questões de gênero nas brincadeiras infantis (dentro e fora da sala de aula, livres e dirigidas) em uma turma de educação infantil (faixa etária 4-5 anos). As observações foram registradas em diário de campo e analisadas de acordo com subgrupos, sendo possível constatar que na turma observadas não houve diferenciação, separação de brincadeiras por fatores de gênero. Em geral, as brincadeiras tinham brinquedos como suporte, e tanto meninos quanto meninas brincavam de maneira equivalente com todos os objetos, fossem eles considerados mais “masculinos” ou mais “femininos”.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Meninos e Meninas, Brincadeiras, Brincar, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

As questões de gênero permeiam nossas vidas, sempre. A partir do momento em que os pais conhecem o sexo biológico do bebê, já se começa a planejar um futuro com base naquela descoberta, seja nos mínimos detalhes cor-de-rosa para meninas, seja na decoração de carrinhos para meninos. No entanto, as discussões sobre gênero trazem que o ‘ser menina’ e o ‘ser menino’ vai muito além do conhecimento do sexo biológico. Nessa perspectiva, gênero é uma construção social, cultural, e sendo assim, é desenvolvida durante todo o percurso humano (LOURO, 1997).

O brincar é umas das formas das crianças espelharem para o mundo suas compreensões, interpretações; é considerada uma ação de suma

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da UFPE em 2015.2.

² Graduanda do Curso de Pedagogia da UFPE em 2015.2.

³ Professora Associada do Centro de Educação - UFPE

importância para o crescimento infantil, pois vai além da aprendizagem, Bruno Bettelheim, no trecho abaixo diz que:

Nenhuma criança brinca espontaneamente só para passar o tempo. Sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos. (BETTELHEIM, 1984, p.105)

Sendo então o brincar uma ação social, repleta de significados, percebemos que nela também existem questões de gênero, sejam naturais, intrínsecas ou provocadas pela sociedade. Os estudos de gênero baseados no pós-estruturalismo, como as pesquisas de Michel Foucault, Guacira Louro e Jane Felipe, buscam neutralizar o impasse dos comportamentos predeterminados para cada tipo de gênero, nos mostrando que as brincadeiras também não precisam ser de meninos ou de meninas, mas que precisam ser neutras, onde todos podem brincar, sem importar o sexo biológico.

Gilles Brougère (2004, p. 290) comenta que “A diferença sexual é desenvolvida especialmente, mas não exclusivamente, nas brincadeiras em que é grande a iniciativa da criança. Ela é um traço da construção da brincadeira pela criança.”

Pretendemos então compreender como as questões de gênero estão presentes nas brincadeiras infantis. A pesquisa foi realizada em uma turma dos anos iniciais da Educação Infantil, no qual nossas observações ocorreram dentro e fora da sala de aula (atividades dirigidas), incluindo também o recreio (atividades livres). O intuito da pesquisa foi verificar a existência de relações de gênero nas brincadeiras em geral, dirigidas e não dirigidas, sem e com interferência do professor/educador. Procuramos perceber se houve papéis de gênero atribuídos ao brincar em idades iniciais da educação infantil, procurando identificar se havia escolhas de brinquedos sexistas e constatar se de acordo com o nível escolar, atitudes que demonstrassem questões de gênero poderiam ser mais nítidas.

A intenção dessa pesquisa partiu, primeiramente, de observações feitas durante nosso período de estágio extracurricular, realizado numa escola particular do Recife. No dia-a-dia com criança entre dois e cinco anos,

percebemos que muitas vezes elas trocavam de brinquedos: meninos escolhiam bonecas (rosas) e meninas brincavam com carrinhos, meninos dançavam e meninas jogavam bola. Essas trocas eram espontâneas e certas vezes causavam estranhamento no mundo adulto ali presente, com sua visão impregnada de preconceitos relacionados aos comportamentos pré-determinados para meninos e meninas desde sua mais tenra idade.

Esse foi o pontapé inicial para nos dedicar a uma busca por pesquisas que tratassem sobre questões de gênero relacionadas ao brincar. Dos trabalhos encontrados, percebemos que a maioria abordava questões de gênero com crianças maiores, entre seis e dez anos, e normalmente nas escolas públicas, o que dificultou um pouco o andamento da nossa própria pesquisa, pois não tínhamos fontes claras para falar sobre gênero nos anos iniciais, e especialmente sobre a relação com o brincar. No entanto, esse obstáculo nos impulsionou a definir nosso foco e serviu de base para nossa investigação, reforçando a necessidade em se compreender essas relações com as crianças mais novas, uma vez que um dos problemas da nossa pesquisa foi perceber se os meninos aceitam as meninas em suas brincadeiras e vice-versa.

No decorrer da nossa pesquisa procuramos pelos seguintes descritores: Gêneros nas brincadeiras, Gêneros na educação infantil, Brincadeiras nas salas de aulas, brincadeiras nos anos iniciais, brincadeiras na educação infantil. Não encontramos estudos específicos do nosso tema, que focasse conjuntamente gênero, brincadeiras e educação infantil, nos seguintes indicadores: Banco de teses da capes, Anped e Endipe. O site da Scielo foi o único que contemplou de forma satisfatória a nossa pesquisa, trazendo algumas contribuições para nosso trabalho. Dentre os artigos encontrados podemos citar: as questões de gêneros em “Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder”, de FINCO e VIANNA (2009); “As Relações de Gênero entre as Crianças na Educação Infantil”, de FREIRE (2008); “Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental”, de CRUZ e CARVALHO (2006); referente só a Brincadeiras “Caracterização de Brincadeiras de Crianças em Idade Escolar”, de CORDAZZO e Vieira (2007);

referente a gênero e brincadeiras; “Brincadeiras e jogos: as diferenças de gênero entre as crianças”, de GODSTSFRIEDT (2010); “Jogos e Brincadeiras: Reflexões de Gênero no Contexto Escolar”, de Chaves, Lopes, Fagundes, Veloso-Silva e Medeiros (2011); “Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil”, de Finco (2003); “Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil”, de Finco (2010); “Isso (não) é coisa de menino: Construções de gênero nas brincadeiras infantis em uma escola na Amazônia”, de Sales (2002); “Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças”, de Ribeiro (2006); “Brinquedos e Gênero na Educação Infantil. Um Estudo do Tipo Etnográfico no Estado do Rio de Janeiro”, de Azevedo (2003).

Esses estudos nos mostraram que a pesquisa sobre gênero com crianças ainda é escassa, e quando existe, encontra barreiras na separação entre o que o adulto vê/interpreta e o que a criança realmente pensa. Daniela Finco foi uma das autoras da atualidade que encontramos mais trabalhos relacionados ao conjunto gênero e brincadeiras, e esta cita Fúlvia Rosemberg para confirmar a falta de abordagens de gênero no contexto infantil:

A autora ainda afirma que raríssimos estudos parecem ter ido à busca do lugar da infância na construção social das relações de gênero no sistema educacional. Ao analisar a produção de pesquisas na área e tentar compreender a ausência do tema educação e gênero, aponta para a “auto-referência” das pesquisas sobre mulher e relação de gênero, ou seja, o que vem chamar do “adultocentrismo” nas pesquisas: mulheres adultas estudam mulheres adultas, “o foco continua sendo a mulher adulta ou as relações de gênero da ótica da vida adulta” (FINCO, 2003, p. 91 apud ROSEMBERG, 2001, p.64).

Tal fato nos leva à relevância do nosso trabalho: fazem-se necessários outros olhares sobre gênero, especialmente nas idades iniciais. Considerando que o brincar é uma das mais importantes atividades infantis, ainda pouco explorada nesta relação de meninos e meninas, a pesquisa se torna interessante para a sociedade pela conduta diferenciada de foco de faixa etária, e por chamar a atenção para a participação das crianças nas pesquisas acadêmicas como atores sociais que precisam ser compreendidos também. No entanto, estamos cientes das dificuldades metodológicas para tal iniciativa, e

para garantir uma maior neutralidade nos dados coletados procuramos observar as brincadeiras das crianças sem participar delas, ou seja, sem intervenções, com intuito de nos mantermos imparciais.

MARCO TEÓRICO

A seguir trataremos dos dois temas centrais do nosso trabalho. Em primeiro lugar discutiremos sobre as questões de gênero para situarmos que teorias estamos adotando e como elas vão se inserir na ação do brincar. Sobre o brincar e das brincadeiras procuramos trazer à tona a discussão sobre a tensão entre brincar-brinquedo-brincadeira. Adiantamos que, apesar do brinquedo fazer parte das brincadeiras, este nem sempre está presente, porém por ser um suporte bastante usado, não há como separá-lo da brincadeira. Outro fator é que por vezes, objetos diferenciados (garrafas, latas, lápis, canetas, etc.) transformam-se em brinquedo, ou seja, o significado de brinquedo depende da utilização de um objeto. Com isso queremos destacar que, apesar de voltarmos o olhar para os brinquedos, não nos deteremos em explanar sobre as diversas representações que lhes são atribuídas, pois acabaríamos por fugir do foco principal: as brincadeiras.

2.1 Das questões de gênero

A conceituação de gênero tem origem nos movimentos feministas, que começou no século XIX. Sendo assim, é bastante diversificada, dependendo do enfoque que cada autor dá a suas pesquisas. No entanto, para nosso trabalho, utilizamos referências de autores como Guacira Louro e Jane Felipe, pois trabalham na mesma perspectiva quanto ao que se diz ser gênero. Compreendemos então que gênero é uma construção social independente do sexo biológico, como afirma Guacira Louro (2010a, p, 22) “Gênero se constitui com ou sobre corpos sexuais, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social histórica produzida sobre as características biológicas”.

Nessa mesma linha de pensamento, Jane Felipe afirma que:

O conceito de gênero está relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos a ambos os sexos em diferentes sociedades. Homens e mulheres, meninos e meninas constituem-se mergulhados nas instâncias sociais em um processo de caráter dinâmico e contínuo. Questões como sexualidade, geração, classe, raça, etnia, religião também estão imbricadas na construção de gênero. (FELIPE, 2004 p.33)

Podemos pensar também que gênero busca interpretar questões referentes à masculinidade e à feminilidade das pessoas, pretendendo não enquadrá-las como homens e mulheres, mas sim como humanos. Segundo Elena Belotti,

A tradicional diferença de caracteres entre macho e fêmea não é devida a fatores congênitos, e sim, aos condicionamentos culturais a que o indivíduo é forçado no curso do seu desenvolvimento. [...] Na realidade, porém, não existem qualidades “masculinas” e qualidades “femininas”, mas somente qualidades humanas. (Contracapa, 1979)

Com base nessas concepções buscamos entender como crianças, meninos e meninas, se comportam ou se percebem nas brincadeiras, procurando observar expressões verbais e corporais que demonstram condicionamentos culturais e sociais relativos ao gênero. Partindo do pressuposto que as relações de gênero são construídas também no brincar, acreditamos que nos anos iniciais essas questões ainda não são definidas nas brincadeiras, havendo uma posterior interferência do meio social nas escolhas das crianças.

Meninos e meninas diferem não apenas na escolha das brincadeiras e dos brinquedos, mas igualmente, [...] no “estilo lúdico”. Maior agressividade, esforço muscular, procura de uma ação intensa, no garoto; preponderância da agressividade verbal embora calma, estabilidade, “predileção pelos ritos e pelo cerimonial que mais tarde só irá consolidar-se, uma submissão dócil e quase voluptuosa às coerções formais”, nas meninas. Ninguém pode negar a existência dessas diferenças, aliás são bastante evidentes; basta observar grupos de crianças brincando, para se convencer. Mas outra vez se recorre ao elemento “biológico” de maneira alguma comprovado, para explicar aquilo que pode encontrar uma

explicação igualmente plausível no elemento “social”.
(BELOTTI, 1979, p. 82)

A partir deste fragmento de Belloti podemos pensar numa ligação existente entre gênero e brincadeiras e como um influencia o outro, direta e indiretamente.

2.2 Do brincar e das brincadeiras infantis

Não é de hoje que percebemos a importância do brincar para o desenvolvimento infantil. Mrech, em *O Brincar e suas Teorias* (1998, p.157), diz que a “atividade lúdica como uma das formas de revelar os conflitos interiores das crianças” foi umas das maiores descobertas da Psicanálise.

Mas antes de entendermos a importância do brincar para as crianças, tivemos a necessidade de descobrir o que é esse brincar. Partindo do conhecimento comum, sabemos que o brincar consiste numa atividade livre, sem limite para imaginação, onde podem imitar o real, com objetos ou não, pois é na brincadeira que a criança expressa a sua forma de compreensão da realidade. O RCNEI (1998, p. 27-28) diz que:

É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e suas relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disso e generalizando para outras situações.

No entanto, há uma relação intrínseca no brincar: as brincadeiras e os brinquedos. Há uma tensão na literatura infantil que tenta separar as especificidades desses dois símbolos do brincar, além de colocar o jogo como um dos pilares do brincar também. Pensar em brinquedo já nos remete a alguma brincadeira, mas nem toda brincadeira necessita de um brinquedo, bem como alguns objetos que não foram criados com a intenção de entrar na brincadeira, acabam desempenhando o papel de brinquedo durante a atividade lúdica. Segundo Cerisara (2002) “Quando a criança brinca, ela cria uma situação imaginária, sendo esta uma característica definidora do brinquedo em

geral”. Por serem inerentes ao brincar, brincadeiras-brinquedos-jogos, não podemos quebrar essa ligação e analisar cada parte isoladamente. Comprovando isto, Kishimoto (1996) ressalta que

O brinquedo estabelece uma relação íntima com a criança, sem um conjunto de regras para a sua utilização, acrescentando-se que o brinquedo, este visto como objeto, é o suporte da brincadeira e que esta última se constitui na ação que a criança exerce.

Para Mrech (2002) “Acredita-se que há um vínculo direto e imediato entre a criança, brinquedo e o brincar” e isso ocorre quando não se pode separar, pois o brinquedo é que faz-se iniciar a brincadeira.

Dito isto, compreendemos que o brincar é mais que as brincadeiras e os brinquedos que nelas são utilizados. Há uma relação de construções que meninos e meninas fazem diante das brincadeiras, e dentro delas há diferenças, vistas com mais precisão nos brinquedos, sendo este o principal material de suporte das brincadeiras.

METODOLOGIA

De acordo com os objetivos traçados para nosso trabalho, fizemos nossas observações baseadas na abordagem qualitativa, já que procuramos compreender um fato social. A perspectiva qualitativa se encaixa nos parâmetros por tratar de interpretações que podem ser subjetivas, particularmente porque trabalhamos com crianças, observando-as em seu cotidiano escolar.

Dos subsídios da pesquisa qualitativa, trazemos Chizzotti (2001, p. 52) dizendo que a pesquisa qualitativa fundamenta-se

[...] em dados coligidos nas interações interpessoais, na co-participação das situações dos informantes, analisados a partir da significação que estes dão aos seus atos. O pesquisador participa, compreende e interpreta.

Assim sendo este um tipo de abordagem que é inerente ao pesquisador, pois estimula maior inserção na interpretação dos dados.

Diante dos tipos de pesquisas qualitativas realizadas no campo educacional, fizemos uma pesquisa de campo, que para Martins (2008), concede primazia aos atos de descrever, compreender e interpretar, recorrendo, para isso, a uma análise minuciosa dos mais diversos aspectos relativos ao fenômeno investigado. Ou seja, baseado em observações do contexto das crianças e a partir das observações procuramos gravar as falas, como também fazer anotações do que vimos, e as percepções infantis enquanto humanos em desenvolvimento.

Comentamos das dificuldades em se fazer pesquisa com crianças, pois estas durante muito tempo elas não foram consideradas como atores sociais, e ainda hoje vemos pesquisas com olhares “adultocêntricos”, como foi ressaltado anteriormente. Diversas metodologias podem ser adotadas, como: observação densa, diário etnográfico, registros de áudio, vídeos, fotografias, entre outros. Porém, cada uma com suas vantagens e desvantagens.

O estudo das realidades da infância com base na própria criança é um campo de estudos emergente, que precisa adotar um conjunto de orientações metodológicas cujo foco é a recolha da voz das crianças. Assim, além dos recursos técnicos, o pesquisador precisa ter uma postura de constante flexibilidade investigativa. [...] a não projetar o seu olhar sobre as crianças colhendo delas apenas aquilo que é o reflexo dos seus próprios preconceitos e representações. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. (SARMENTO; PINTO, 1997. p. 78).

Uma vez que buscamos compreender questões de gênero nas brincadeiras livres, optamos dessa forma por fazer observações não-participantes, para não interferir na realidade das brincadeiras.

O campo de inserção foi uma escola particular do Recife. A decisão foi baseada também pelo levantamento de artigos encontrados que falam, em sua maioria, sobre a escola pública. Consideramos a existência de outras realidades escolares e vimos que estas também precisam ser exploradas.

Dos participantes: foi escolhida uma turma dos anos iniciais da Educação Infantil, com 19 crianças (8 meninas e 11 meninos) entre 4 e 5 anos.

O procedimento de registro foi baseado em anotações no diário de campo, em seguida foram transferidas as informações coletadas para as fichas de observação, para então fazermos um recorte para análises dos dados. Procuramos observar se nas brincadeiras tiveram participação das professoras e auxiliar nas atividades livres. Buscamos observar se existiam diferenciações nas brincadeiras, se havia uma separação de grupos, e se meninos ou meninas queriam brincar, pois as brincadeiras era coisa de menina ou de menino.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na nossa observação foram registradas brincadeiras coletivas, nas quais os meninos e meninas não tinham papéis pré-determinados. As crianças buscavam em suas brincadeiras momentos agradáveis, não importando se a atividade em questão poderia ser considerada de menino ou de menina. Observamos também que existiam diferentes brinquedos⁴ na sala que podiam trazer diversas opções de brincadeiras dentro do ambiente escolar. Conseqüentemente, as crianças brincavam espontaneamente com os brinquedos que escolhessem, sem constrangimentos ou questionamentos se podiam ou não brincar os objetos escolhidos.

Das brincadeiras encontradas, decidimos separar em quatro grupos para facilitar nossa análise: Grupo A- livres dentro da sala de aula; Grupo B- dirigidas fora da sala de aula; Grupo C- livres fora da sala de aula e Grupo D- dirigidas fora da sala de aula. Consideramos como brincadeiras livres aquelas que não têm intervenção do educador antes ou durante a atividade, e como

⁴ Miniaturas de dinossauros, bonecos, bonecas, jogos de encaixe, lego, dominó, peteca, bambolê e bola foram os principais objetos utilizados como brinquedos pelas crianças.

brincadeiras dirigidas aquelas que têm interação e instrução de um ou mais educadores.

Dentre as brincadeiras do Grupo A, livres dentro da sala de aula, destacamos:

DINOSSAURO	As crianças brincavam com miniaturas de dinossauros simulando lutas entre os animais nomeando o nome dos dinossauros ex: tiranossauro Rex, Pterodactilo, Braquiossauro e Velossiraptor e etc.
LEGO	Meninas e meninos brincam com o lego eram de montar e desmontar como: carrinhos, prédios, torres, castelos e etc.
BLOCOS	Meninos e meninas pegam os brinquedos e começam montar uma torre com os blocos colocando um em cima do outro até que os blocos caiam e começa a montar novamente.
LETRINHAS	Meninas e meninos utilizavam as letrinhas como comidas dentro das panelinhas.
CARRINHO	Menina e menino brincavam sozinhos com carrinho.
PANELINHAS	Menino pega a cesta de panelinhas e chama os amigos, as meninas chegam para brincar, eles começam a fazer comidas no fogão, a comida é a massa de modelar e dizem que é um restaurante. Um menino diz que vai ser garçom e leva algumas panelas com a massa de modelar oferecendo para os outros amigos. A brincadeira continua mexendo a panela no fogão e oferecendo comida para os outros.
PETECA	Menina e menino brincavam de jogar a peteca de um para o outro, dentro da sala de aula.
DOMINÓ	Menino e menina brincavam com peças do dominó, imitando o jogo.

(Quadro a)

Dentre as brincadeiras do Grupo B, dirigidas dentro da sala de aula, temos:

PATO GANSO	As professoras pedem aos alunos para fazer um círculo e que um amigo vai ser o ganso, começa a brincadeira uma menina inicia rodando e dizendo pato, pato, até que toca em um menino e sai correndo para sentar no lugar dela. Todos participam da brincadeira.
COELHO SAI DA TOCA	Uma das professora faz vários círculos com giz de quadro no chão, ela diz que também vai brincar. Cada um fica em um círculo e a professora fica fora. Quando diz: Coelho sai da toca, todos correm e trocam de lugar e uma criança sai da brincadeira. Isso acontece com todos até que uma das crianças ganha a brincadeira ficando no ultimo círculo.

(Quadro b)

Dentre as brincadeiras do Grupo C, livres fora da sala de aula, observamos:

CORE CORRE	A brincadeira era correr em volta do parque e volta para a base (local escolhido por eles no fundo do parque)
FUTEBOL	Durante a aula de educação física, alguns meninos jogavam futebol. Não houve participação de meninas nesta brincadeira.
BOLINHO DE AREIA	Meninas e meninos brincam de fazer bolinhos de areia e no final cantar “parabéns para você”

(Quadro c)

Por fim, as brincadeiras do Grupo D, dirigidas fora da sala de aula, identificamos as seguintes brincadeiras:

BAMBOLÊ	O professor de educação física distribuiu bambolês entre as crianças e deu instruções para brincarem como preferissem: jogando o bambolê pra cima, rodando o bambolê no corpo, rodando o bambolê no chão, etc.
CORDA	O professor de educação física amarrou cordas em brinquedos e árvores e fez uma fila para que cada um pudesse se pendurar e passar na corda até chegar ao escorrego ou se balançar. Ia um de cada vez, respeitando a ordem da fila.

(Quadro d)

Dentre as brincadeiras foi possível notar que a participação de meninas e meninos se deu de forma equivalente, não havendo separação de “brincadeiras de meninos” e “brincadeiras de meninas”. No entanto, houve a predominância de um ou outro gênero em determinadas brincadeiras, exemplos: futebol (meninos); comidinhas (meninas); dinossauros (meninos); letrinhas (meninas). Contudo, foi possível perceber que meninos e meninas aceitavam uns aos outros nas brincadeiras, seja ela qual fosse.

Embora tenhamos encontrado predominância em algumas brincadeiras, nos tempos passados era possível constatar brinquedos e brincadeiras totalmente direcionados para um ou outro gênero, como confirma Belotti à seguir:

Para as meninas existe uma vastíssima gama de objetos miniaturizados que imitam os utensílios caseiros, como serviços de cozinha e toilette, bolsas de enfermeira com termômetro, faixas, esparadrapo e seringas, dependências como banheiros, cozinhas completas com eletrodomésticos, salas, quartos, quartinhos para bebês, jogos para coser e bordar, ferros de passar, serviços de chá, eletrodomésticos, carrinhos, banheirinhas e uma série infinita de bonecas com o respectivo enxoval. (BELLOTTI, 1975, p. 75)

Para os meninos, os brinquedos e, conseqüentes, brincadeiras tinham mais a ver com tudo que não relacionasse com a cultura doméstica, visto no das garotas, muitas vezes incitando violência.

Para os garotinhos em geral os brinquedos divergem completamente: meios de transporte terrestre, navais e aéreos de todas as dimensões e de todos os tipos: navios de guerra, porta-aviões, mísseis nucleares, naves espaciais, arma de todo o tipo, desde a pistola de Cow-boy perfeitamente imitada até alguns sinistros fuzis-metralhadoras que diferem dos verdadeiros apenas pela menor periculosidade, espadas, cimitarras, arcos e flechas, canhões: um verdadeiro arsenal militar. (BELLOTTI, 1975, p. 76)

É possível notar que a contemporaneidade está mudando o brincar, uma vez que nas décadas passadas era possível constatar que havia uma grande separação nos brinquedos e brincadeiras para meninas e meninos, fato que contribuiu para a solidificação do pensamento comum de que se precisa separar brinquedos e brincadeiras de acordo com o sexo biológico da criança. Em nossas pesquisas encontramos dados que relatavam pedidos de pais de crianças para que os professores não deixassem seus filhos (meninos) brincarem com “brinquedos de meninas” ou mesmo brincar junto com as garotinhas, alegando que isto poderia vir a definir a orientação sexual do seu filho de tal maneira, que houve casos de informarem violência.

É interessante observar que em muitas famílias especialmente os pais (homens) se sentem extremamente ameaçados na sua

própria masculinidade quando seus filhos, embora pequenos, não dão sinais claros de masculinidade. Por exemplo, meninos que têm a voz fina ou que mostram interesse por objetos e brincadeiras de meninas [...] Estes chegam mesmo a pedir às professoras que não permitam que seus filhos brinquem com coisas de meninas, [...] experimentar maquiagem, sapato alto, bolsas, colares, fantasias diversas (bailarinas, princesas, bruxas etc). (Apud BELLO, 2006 em FELIPE;BELLO, 2009).

Quanto às brincadeiras livres em sala de aula, em sua maioria, todas eram conduzidas por brinquedos, sendo estes seus objetos centrais. Ao contrário das brincadeiras propostas pelas educadoras dentro da sala de aula, que mostraram ser mais dinâmicas e não necessitaram do suporte material. O oposto ocorreu fora da sala de aula, seja durante o recreio (Quadro C) ou durante a aula de educação física (Quadro D), ou seja, o Grupo C mostra brincadeiras livres independentes de brinquedos e o Grupo D mostra a utilização de bambolês, bolas e cordas pelo professor para conduzir as atividades propostas.

Não encontramos nem notamos qualquer intenção dos educadores em separar as crianças em grupos de meninos e meninas em outras atividades, tampouco fazer diferenciação de brinquedos ou proibir que as crianças brincassem com algum tipo de brinquedo que não fosse considerado convencional devido ao sexo. Destacamos o respeito entre as crianças nas brincadeiras, quando ao serem liberados para as atividades e quisessem brincar com algum coleguinha que estava utilizando algum dos materiais, deviam perguntar se podiam se juntar na brincadeira àquele que chegou primeiro.

Este fato nos trouxe à tona sobre a importância da formação do educador infantil, que deve se livrar das amarras construídas socialmente e não impor condicionamentos culturais arcaicos às crianças, além de dar o devido valor ao brincar, utilizando a brincadeira como suporte para construção de conhecimentos sociais e intelectuais.

Discutir as questões de gênero na educação significa refletir sobre relações das práticas educacionais cotidianas,

desconstruindo e redescobrimo significados. Significa questionar conceitos pré-concebidos, determinações que sutilmente permeiam nossas práticas. [...] Relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Assim estaremos dando a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos, vivendo a infância com sua inteireza, em sua plenitude. (FINCO, 2003)

CONCLUSÃO

Durante as observações das brincadeiras, na escola pesquisada, foi possível concluir que as relações entre meninos e meninas podem ser consideradas dados relevantes para uma relação de respeito entre os gêneros. Deste modo, o profissional de educação infantil tem um importante papel para que isso possa acontecer de forma livre, sem haver cobrança quanto aos papéis sexuais pré-determinados (pelos adultos). É importante lembrar que a participação da família é importante nesse processo. Muitas vezes são os próprios pais que incitam a separação de brincadeiras e brinquedos entre os filhos, por acharem que tais comportamentos podem influenciar na orientação sexual dos filhos, como destacamos no final de nossa análise.

É possível notar assim a significância de se trabalhar as relações de gênero na educação infantil, para desmistificar a existência de papéis e comportamentos para meninas e meninos desde a mais tenra idade. O início da vida escolar é marcado, principalmente, pelas novas interações sociais construídas essencialmente pelo brincar, daí temos que é também no brincar que podemos fazer as crianças crescerem em ambientes não-hierárquicos que respeitem as diferenças entre os gêneros sem rotular meninos e meninas para que sigam 'x' ou 'y' caminhos.

Contudo, a pesquisa, além de prazerosa, trouxe um saldo positivo: as crianças não fizeram nenhuma diferenciação relacionada ao gênero (seja no brincar, seja nos brinquedos). O que de início nos deixou um pouco assustadas, pois achávamos que teríamos que ter subsídios práticos que mostrassem dados constatando a presença de questões de gênero, entretanto

foi confortado ao final, quando concluímos o quão bom isto foi para o nosso trabalho. Porém, não podemos afirmar a que se deve esse saldo positivo, apenas levantamos hipóteses: a metodologia da escola escolhida, a formação dos educadores da turma observada, ou a questão familiar (classe social, conhecimento cultural, etc.) podem ter sido os fatores para que não encontrássemos influências de gênero na turma observada.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: documento introdutório**. Brasília, 1998.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**: tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1975.

BÍSCARO, Claudia. **A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Mato Grosso do Sul, 2009. Disponível em: <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8069-a-construcao-das-identidades-de-genero-na-educacao-infantil.pdf> Acesso em: 22 de fevereiro de 2015.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**. São Paulo: Artmed, 1984. 358p.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e Companhia**. Tradução Maria Alice A. Sampaio Dória. São Paulo: Cortez, 2004.

CERISARA, Ana Beatriz. **De como Papai do Céu, o Coelho da Páscoa, os Anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu!** In: KISHIMOTO, Tizuko. (org.). **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5ª edição. Cortez Editora; São Paulo, 1991.

DELGADO, Ana Cristina. MULLER, Fernanda. **Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio/ago. 2005.

FELIPE e Bello. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil. Em **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

FELIPE, Jane. **Entre batons, esmaltes e fantasias**. In. MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 53-65.

FILHO, Altino José Martins. **Metodologias de Pesquisas com e sobre Crianças**. In. Simposio Internacional: Encuentro etnográficos con niñ@s y adolescentes en contextos educativos.

FILHO, Altino José Martins. **Metodologias de pesquisas com crianças**. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.08-28, jul./dez. 2010.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. *Pro-Posições*, v. 14, n. 3 (42) – set./dez. 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.) **O Brincar e suas Teorias**. Vários autores. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Rio de Janeiro, 2010.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. cap. 2

MARTINS, G. A.. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.
MINAYO, Maria Cecília. Fase exploratória da pesquisa. In: _____. **O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, HUCITEC, 1998. p. 89-99.

MRECH, Leny Magalhães. **Além do sentido e do significado: a concepção psicanalítica da crianças e do brincar**. In. KISHIMOTO, Tizuko. (org.). *O Brincar e suas Teorias*. São Paulo: Pioneira, 2002.

SARMENTO, Manuel J. & PINTO, Manuel. **As crianças e a Infância: definindo conceitos delimitando o campo**. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (coord.) *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.